

RESTOS DE AZUL



Restos de azul

Michel de Oliveira



*Para Luíz Antônio de Assis Brasil, que salvou a
personagem de morrer asfixiada na gaveta.*



Lírica

*Quem se lembraria
de trazer-me um pêssago
numa tarde de angústia?*

Araripe Coutinho



Prenúncio de tempestade

Riram quando ela falou que tubarões podem morrer asfixiados. Explicou que não têm brânquias nem bexiga natatória e, caso parem de nadar, morrem asfixiados. Não sabiam o que eram brânquias, muito menos bexiga natatória, então duvidaram. Sentiu-se inapropriada, mesmo que estivesse correta.

Cogitou emendar sobre a possibilidade de baleias se afogarem. Seria mais fácil entender que, como ela, baleias eram inadequadas: mamíferos submersos na água. Desistiu, era apenas a professora de português, sujeita às orações subordinadas e subordinada aos sujeitos. A baleia dos 52 hertz estava sentada no sofá, e nenhuma das outras estava interessada em seu canto. Continuou a vagar na imensidão do vazio.

Na sala, os sujeitos eram cinco: a professora de educação física, a professora de inglês, a professora de geografia, a coordenadora pedagógica e a diretora.

A visita à filha da diretora foi a desculpa ideal para reunir as colegas. Tanto tempo juntas, ensinando enquanto tentavam aprender qualquer coisa, mas com tão poucas oportunidades de encontrar outro assunto que não provas, e fofocas no corredor, e alunos problemáticos, e baixa remuneração, e falta de tempo. Falaram sobre a pequena mulher recém-chegada ao mundo. Mais uma, como elas, para sentir muito.

A diretora, primeira mãe do grupo, contou sobre cuidar da vida expulsa das próprias entranhas. Sensação de êxtase e terror. Desses momentos inexplicáveis, mesmo para uma mulher com tantas pós-graduações.

Apresentou ao grupo a menina com sapatos de lã, ainda que não pudesse colocar os pés no chão. A tiara de grande laço rosa na cabeça e as orelhas furadas com dois pequenos pontos dourados, das primeiras penetrações para se fazer fêmea. Ganhou presentes que seriam pouco usados e algum afeto do qual não se lembrará.

Depois de passar por mãos e braços desconhecidos, sentindo cheiros que não o da mãe, a pequena dormiu e foi levada ao quarto.

Acomodadas no sofá e nas poltronas, perderam de vista a pujante vida, que trazia novidade para os dias cansados. Voltaram a falar de tantas coisas. Também comeram bolo e biscoitos. Algumas tomaram suco. Outra, chá. E ainda duas preferiram café: a primeira sem açúcar, para não dissimular o amargor; a segunda com adoçante, por motivo de dieta.

Pairava uma tarde de sol pouco agressivo, com brisa que entrava pela varanda do apartamento e balançava as folhas da palmeira, encolhida no canto ao lado do sofá. Silenciada a conversa de tubarões e seus afogamentos, falaram com segurança sobre o que não sabiam, até que coordenadora pedagógica se lembrou da menina, guardada na penumbra do quarto.

– Será que a bebê não acordou?

– Não, ela sempre se desespera quando acorda – a mãe tranquilizou.

– Eu também – disse. Mania de professora de português, deixando escapar palavras.

As colegas se entreolharam. Ela riu, para fingir que era brincadeira. As outras também riram, desconcertadas. E assim seguiu a tarde, com dissimulações.

Depois de se expor sem motivo, encenou tomar o chá, frio. Perdida entre pensamentos, considerava que se a professora de biologia estivesse no encontro, explicaria que tubarões podem morrer asfixiados.



Dias nublados

O bando desceu do ônibus em algazarra.

– Esperem na escadaria – a professora gritou.

Ninguém a escutou.

Um pequeno grupo voltou aos berros. O segurança impediu a entrada. Se tivessem prestado atenção, ela nem precisaria repetir que esperassem nos degraus.

Não bastasse a chatice de acordar mais cedo para levar os alunos ao centro cultural, pairava sobre as cabeças o cinza infinito, pesado e abafado, pronto a desabar.

Queria coçar a dobra debaixo dos seios, que não paravam de suar, arrancar o sutiã e gritar com aqueles pestes. Suspirou e repetiu em tom alto que esperassem na escadaria.

Caminhou chacoalhando as carnes fartas. Escalou degrau por degrau. Arfou ao falar com o segurança, informando que era a excursão para a visita guiada.

– Não façam barulho!

Na entrada, a monitora que os recepcionou repetia a fala decorada sobre a exposição: Clarice Lispector... Importante escritora... Epifania... Baratas... Para surpresa da professora, prestaram atenção e, por alguns minutos, silenciaram. A monitora nem precisava falar tão alto para ser ouvida.

Enquanto passava a mão embaixo do seio esquerdo para conter o suor, suspeitou que talvez o problema estivesse em si mesma. Por ser tão banal a ponto de não suscitar qualquer interesse.

– Que mina gostosa – escutou um dos alunos comentar com o colega. Observou a moça: jovem, carnes firmes, jovem, quase bronzeada, jovem, meio bonita, jovem. Talvez também não a escutassem, apenas observassem os seios altivos, a cintura torneada e o quadril alargado em proporção harmônica. Essa constatação se fez incômoda, mesmo que não atentassem para o que dizia, a monitora era notada.

Finalizada a rápida apresentação, os alunos entraram na sala em suspeita reverência.

Entre gavetas e escritos nas paredes, eles perdiam tempo com selfies e pouco se importavam com a exposição. Ela acompanhava calada, menos liquefeita, com o ar-condicionado esfriando o corpo.

Ao entrar no labirinto com retratos de Clarice, foi tomada pelo desconforto. Aqueles amplos rostos a vigiavam. Olhos de cadela parida, cínica. “Quem pensa que é para encarar de maneira tão invasiva?” Saiu logo da sala, bastava a própria censura, não seria alvo do julgamento alheio.

Preferiu ler as frases aleatórias da outra sala. “A explicação do enigma é a repetição do enigma.” “Com o perdão da palavra, sou um mistério para mim.” “O presente é a face hoje de Deus.” “Quanto a mim, só sou verdadeiro quando estou sozinho.” Considerou tudo uma bobagem, coisa de desocupada. “Tivesse prova para corrigir, estaria farta de tanta palavra e não escreveria uma linha sequer.”

Os alunos voltaram a falar alto. Era o sinal: hora de entrar no ônibus e retornar para o incômodo tão conhecido da escola.

Na saída, as primeiras gotas, minúsculas, respingavam no chão. Os alunos correram aos gritos, tentando chegar ao ônibus antes de a chuva engrossar.

– Maxuel, cuidado para não cair com esse cadarço desamarrado!

Sentou no banco da frente, sozinha. Ao fundo, o burburinho indecifrável. Nem arriscou dizer nada, não seria ouvida. A chuva começou a escorrer pelo para-brisa, as palhetas do limpador indo e vindo. Estava cansada. Era inútil olhar para cima, não havia estrelas.

[...]

Tantos dias presa na escola. Qualquer intervalo ao ar livre, mesmo que respirando a fumaça dos escapamentos, era um alento. O barulho da rua era melhor que o zunido dos alunos. Seguia desatenta, carregando a bolsa preta com provas e trabalhos que gastaria tanto tempo para corrigir. Precisava pegar o ônibus, o cansaço era tanto que nem se apressou.

Passo a passo, pés apertados no sapato, caminhava esfregando as coxas. A fricção abrasando as carnes.

Quando virou a esquina, um homem de avental listrado e touca branca chamou sua atenção. Estava parado, mão sustentada no quadril. Seguiu o olhar dele e deparou-se com a cena: um senhor gordo, branco bigode encobrindo a boca, dentro de um buraco escavado no concreto.

Parou a caminhada para contemplar o funcionário da companhia elétrica engolido pela fenda no chão. Nem notou os outros três que o ajudavam. Fixou o olhar no senhor de bigode grisalho, à vontade no buraco.

O peso da bolsa fazia o braço formigar. O incômodo se espalhou pelo corpo. Nem tinha consciência, foi tomada pelo

susto: ela, que há tempos sentia crescer nas entranhas o vasto oco, impressionou-se como aquele homem cabia no buraco. Perguntou a si mesma, sem palavras, quão ampla era para carregar em si cratera cujas bordas erodiam pouco a pouco. Como podia carregar um buraco, se nele cabia um homem velho, estufado pela carga dos anos?

Quando se deu conta, riam dela, estática no meio do calçadão. Apressou em sair dali, bastava ser alvo do deboche dos alunos.

Voltou a friccionar as coxas, em passos apressados, carregando dentro de si o buraco que só aumentava.

No ponto de ônibus, esperou. De pé, ao lado da propaganda de perfume. Uma mulher loira, pele lisa, magra, sorria com batom vermelho para vender o frasco curvilíneo. A medida apresentada pela modelo era inatingível. Incomodada, deu a volta na placa, preferiu ficar ao lado do anúncio impessoal do cartão de crédito.

Sinal vermelho. Os carros pararam em fila desorganizada. À frente dela, estacionou um carro preto, maior do que o necessário, desses que carregam um homem sozinho, com o ego e as inseguranças. Viu o reflexo na lataria polida. Aquilo achatado, deformado, cheio de dobras, como se sentia por dentro. Quis chutar a imagem, virar o carro, eliminar qualquer reflexo, todas as projeções, sumir de si, das próprias vistas.

Verde. O carro foi embora. A incômoda imagem distorcida, no entanto, permaneceu.

[...]

... até o teto do banheiro cair, consumido pelo salitre, são necessárias várias gotas lentas, escorrendo contínuas do mesmo vazamento. Ninguém se importa com infiltração, até que tudo desmorone.

Foram vários os dias em que sentiu a pingueira por dentro. Não queria ir à escola, ficar frente aos alunos, prontos para rir a cada segundo que virasse as costas. Como professora, estava tão exposta quanto corte descoberto. E os alunos eram moscas, zuniam e rondavam até pousar na parte mais inflamada.

Como se não bastasse encolher a barriga para fingir-se segura, era obrigada a pensar em cada palavra. Estava proibida de errar qualquer conjugação. Péssima hora em que decidiu dedicar-se às letras. Se soubesse que o castigo pela paixão por romances, contos e poesias seria assim pesado, resistiria à sedução dos livros. Acabou por ensinar preposições, justaposta em posição imperativa, amparada por verbos auxiliares e adjuntos adverbiais.

Naquela manhã iniciada com reticências, acordou acometida por interjeições e com a incômoda negação: não queria ir à escola. Não aquele dia. Ou depois. Nem nunca mais. Tomada pelo salitre de tantas palavras gastas, sentia-se desfazer aos poucos.

Mais uma vez tentou dar aula: explicar a crase, contudo, ela quem se contraiu. Os alunos falavam entre si, as conversas se fundiam feito reverberação de batidas em canos vazios. Odiou cada um deles. Falava em vão. Odiou todos ao mesmo tempo. Ninguém a ouvia. A voz ativa logo se tornou agente da passiva, e em vez de exclamar, como era de costume, pela primeira vez calou.

Silêncio grave e pesado.

Estava ali, há anos [quantos?], gastando as cordas vocais para ser ignorada. A garganta travou e não foi por causa do pó de giz. Ficou entalada, observando que não era ouvida, televisão ligada para fazer barulho. Não nadaria mais. Parou e se sentiu afundar.

Recostada na mesa, imóvel. As cenas passavam agitadas, as vozes soavam indistinguíveis. Os alunos se calaram e a olhavam à espera de qualquer reação. Continuou catatônica, atingida por eclipse infinita. Sequer riram. O olhar petrificado causava medo.

Ele, o mais velho, repetente do oitavo ano pela terceira vez, foi o único com sensibilidade para intervir. Aproximou-se da professora e a conduziu até a sala da coordenação.

Sem o corpo inerte, os alunos irromperam em coro desenhado. Confabularam explicações para o ocorrido, sem considerar que eram os causadores do pane.

Voltaram a fazer silêncio quando a coordenadora pedagógica entrou na sala e avisou que saíssem mais cedo para o recreio. Advertiu que não fizessem barulho no pátio, as outras turmas estavam em aula. Saiu levando a bolsa da professora.

[...]

Pasta de documentos aberta sobre a mesa da diretora.

Desde que iniciou na docência, há 16 anos, nunca solicitou as licenças-prêmio, concedidas a cada cinco anos, consolidação por seguir trabalhando. Acumulou três quinquênios, o que daria direito a nove meses de folga remunerada.

– A liberação e o período da licença são avaliados pela Secretaria de Educação – complementou a diretora.

Ela assentiu com a cabeça.

Permaneceria afastada da sala de aula, a professora substituta chegaria na semana seguinte, aguardavam apenas os trâmites burocráticos. Enquanto esperava a licença ser aprovada, cumpriria a carga horária na coordenação.

A diretora, com olhar de pena, prontificou-se a ajudar com o que fosse necessário para agilizar o processo. Pelo menos três meses de afastamento ela conseguiria, com certeza. A diretora enfatizou ter conhecidos na secretaria, entraria em contato para pedir que adiantassem os trâmites.

Orientou que procurasse um médico. A depender do diagnóstico, facilitaria a liberação.

Ela passou o resto do dia organizando as pastas dos alunos, atividade que repetiria de maneira automática pelos próximos dias, com algumas pausas para revisar documentos, corrigindo vírgulas fora do lugar, adicionando crases, ajustando incoerências e problemas de coesão.

Era boa em revisar os problemas alheios, entretanto se tornou incapaz de lidar consigo. Considerava-se toda errada, como texto impossível de ajustar, mesmo com drástica revisão.

[...]

O médico fez perguntas protocolares. Podia ser estafa, ou síndrome do pânico, ou problemas na tireoide, ou esgotamento, ou... Solicitou exames para avaliar o estado físico e apostou num diagnóstico: síndrome de burnout. Explicou tratar-se de um quadro de esgotamento gradativo, por excesso de trabalho e autocobrança demasiada. Perguntou desde quando se sentia exaurida. Respondeu que não lembrava, há muito estava no piloto automático.

O médico continuou a explicação sobre a doença da moda que ela desconhecia. O termo vinha do inglês, relacionado à queima, como se a pessoa se tornasse cinzas. Ela considerou dizer que não se sentia consumida, mas afogada. Como de costume, silenciou.

Saiu do consultório com a receita dos remédios controlados, a indicação para afastamento imediato das atividades e a recomendação para acompanhamento psicológico. O médico sugeriu também que fizesse uma viagem, iniciasse alguma atividade física e cuidasse da alimentação, comendo frutas e verduras para garantir o equilíbrio do organismo.

Ouviu sem questionar a lista de recomendações, sabia de cor, ainda que não praticasse nenhuma delas. O médico disse tudo o que qualquer pessoa diria, com a novidade para o nome da síndrome que ela nunca ouviu falar, e que não a convenceu. A questão era água, não fogo.

No ônibus, observou a cidade com olhos lentos. Tudo pareceu distante. Naquela tarde, não retornaria à escola, a diretora liberou que fosse para casa depois da consulta.

Antes de subir para o apartamento, passou na farmácia e comprou a medicação. Duas caixas de tarja preta. Preferiu não ler a bula. Seguiu a prescrição do médico: tomou um comprimido antes do jantar e outro meia hora antes de dormir.

[...]

Durante toda a semana, esteve vazia, como se tivesse excretado as tripas. A cabeça tomada por pensamentos esparsos. Apresentava-se impassível, sem nada sentir de bom ou ruim. Parecia empalhada, cheia de alguma coisa que a deixava meio oca. A sensação era branca e opaca, sem cheiro e insípida. As emoções estavam contidas em uma redoma surda.

Quinta-feira, meio da manhã. A diretora anunciou a aprovação da licença: três meses, com processo de prorrogação de mais um trimestre em andamento. Decerto conseguiria mais alguns meses. A pausa confirmada, no entanto, seria suficiente para descansar um pouco, colocar a cabeça em ordem.

Ela só precisaria ir até a sexta, a licença vigorava a partir da segunda.

[...]

Nada levaria para casa quando acabou o expediente do último dia. A diretora não estava, a despedida ficou por conta da coordenadora pedagógica e da professora de inglês. Desejaram que voltasse logo. Repetiram frases feitas, que aproveitasse as férias expandidas para viajar, conhecer novos lugares e pessoas, curtir a vida. Mentiram quando disseram que marcariam um café em breve, para colocar as fofocas em dia.

Abraçaram-na com certa inveja. Continuariam ali, repetindo a ladainha das aulas, por mais alguns meses, até as próximas férias.